

A PÓS-GRADUAÇÃO NAS UNIVERSIDADES ESTADUAIS PAULISTAS E A COVID-19: AÇÃO E REAÇÃO

INICIATIVA

O presente boletim é uma contribuição do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências (IG) e compõe uma série sobre o compromisso da comunidade científica no enfrentamento da crise do novo vírus. Pretende-se tratar diferentes visões, temas, abordagens e reflexões sobre as respostas e possibilidades de ação das universidades diante da pandemia. Neste boletim, busca-se discutir como a pandemia da COVID-19 impactou a pós-graduação das universidades estaduais paulistas, em um sentido duplo de ação e reação.

BOLETIM n° 7

22 de maio de 2020

EQUIPE

Ana Maria Carneiro^{1,2}

(doutora, pesquisadora)

Cintia Granja^{1,4}

(doutoranda)

Daniela Atães de Oliveira¹

(mestranda)

Flávia Colus^{1,5} (mestranda)

Simone Pallone³ (doutora, pesquisadora)

Filiações:

1. DPCT/IG/UNICAMP

2. NEPP/UNICAMP

3. NUDECRI/ UNICAMP

4. UNU-MERIT

5. MARIHE/TUNI e DUK

Introdução

As universidades estaduais paulistas - Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) - são destaques nacionais como universidades públicas intensivas em pesquisa, com atuação ampla e em todas as áreas do conhecimento. As três universidades participam de 35% da produção científica nacional (MARQUES, 2019). Juntas, estas universidades têm quase 70 mil alunos de pós-graduação (NAOE et. al, 2019), distribuídos em mais de 650 programas. Estes programas representam 12% do total no país e 30% dos programas de excelência pelos critérios da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (MARQUES, 2019). A pós-graduação representa, para estas universidades, pelo menos um terço do total de matrículas. A forte performance científica e o grande foco na pós-graduação estão intimamente conectados, já que no Brasil a maior parte da pesquisa é desenvolvida em universidades dentro dos programas de pós-graduação.

Tendo em vista esse potencial instalado nas três universidades, este boletim busca discutir como a pandemia da COVID-19 impactou a pós-graduação em um sentido duplo de ação e reação. Em termos de ação da pandemia, são analisadas as restrições que as medidas de isolamento têm colocado para o dia-a-dia das atividades da pós-graduação na visão de gestores, professores e alunos das três universidades. Em termos de reação dos atores da pós-graduação, apresentam-se as soluções encontradas para dar continuidade às atividades frente às restrições, bem como em direcionar esforços para pesquisas relacionadas com o novo coronavírus e suas consequências, tendo em vista pesquisas correntes e uma agenda de pesquisa para o mundo pós-pandemia.

Este boletim envolveu a realização de 26 entrevistas, envolvendo reitores, vice-reitores e pró-reitores da USP, Unesp e Unicamp; professores e alunos dos Programas de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica (PPG-PCT) e em Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC), e da Especialização em Jornalismo Científico (ligada ao DPCT), da Unicamp. Além disso, foram analisadas reportagens especializadas e webinários ocorridos recentemente. Nesse sentido, serão discutidas as atividades de pós-graduação das três universidades, com foco nos três programas apresentados.

Oferecimento das disciplinas

A USP, a Unicamp e a Unesp optaram por dar continuidade às suas atividades no momento da pandemia do novo coronavírus e têm buscado alternativas para a atuação em ensino, pesquisa, extensão e assistência à saúde.

Para isso, as universidades precisaram alterar temporariamente algumas regras de funcionamento. A Unicamp, por exemplo, lançou mais de 30 resoluções para regulamentar a migração para o modo emergencial não-presencial. As resoluções buscaram alterar o prazo de trancamentos, permitir matrícula fora do prazo, suspender a exigência de presença, estender a duração do semestre e dos prazos para defesa, flexibilizar o cancelamento e criação de disciplinas, e permitir a realização de disciplinas, defesas e qualificações integralmente online. Matheus Pereta passou por esta experiência ao defender seu mestrado no PPG-PCT logo no começo da pandemia, como pode ser observado no depoimento ao lado. A palavra de ordem foi flexibilizar, com o objetivo de não prejudicar os alunos, buscando soluções possíveis, mesmo que não fossem as ideais, conforme apresentado por Marcelo Knobel e Vahan Agopyan, reitores da Unicamp e da USP, e por Nancy Garcia, pró-reitora de pós-graduação da Unicamp.

As atividades de ensino passaram a um formato emergencial não-presencial, que só tem sido possível devido à digitalização de processos administrativos e do uso de ferramentas virtuais de apoio ao ensino-aprendizagem. Neste sentido, a pandemia acelerou o processo de expansão no uso dessas ferramentas e da digitalização das atividades administrativas que já vinha ocorrendo. Como aponta Teresa Atvars, coordenadora geral da Unicamp, a universidade mostrou uma capacidade de se reinventar em um espaço de tempo curtíssimo. A adaptação para a continuidade das atividades durante o cenário atual tem ocorrido, não sem

“Sexta-feira, 13 de março de 2020. Este era o dia tão aguardado por mim, o dia de minha defesa de mestrado, marcando o fim de uma trajetória de quase seis anos de pesquisa (quatro iniciações científicas e o mestrado). A data não poderia ser mais sugestiva, porque um dia antes, 12/03, no momento em que o aumento dos casos de COVID-19 no Brasil começava a chamar atenção para a necessidade de tomar medidas necessárias de distanciamento social, a Unicamp decidira suspender todas as atividades presenciais, inicialmente, por 14 dias. Um dia antes da defesa, instaurou-se a incerteza sobre sua realização. Ainda que ela tivesse se mantido, a ausência de público e a arguição dos membros da banca via videoconferência acabou por pintar com cores mais frias aquele dia tão esperado. Foi uma luta quase solitária, não fosse a presença de meus orientadores. A ausência de abraços, de apertos de mãos, isto é, do afeto daqueles que me acompanharam ao longo de minha trajetória de pesquisa no mestrado, sinalizava como se desenrolariam os dias e semanas que estavam por vir”.

(Matheus Pereta, doutorando do PPG-PCT na Unicamp)

percalços, mas envolvendo um grande esforço da administração, de professores e de alunos.

Em relação às atividades de ensino da pós-graduação das universidades estaduais paulistas, é possível perceber uma maior flexibilidade, se comparadas às de graduação, por pelo menos três motivos. Em primeiro lugar, as disciplinas têm menos alunos matriculados, o que facilita a interação nas aulas.

Em segundo lugar, a autonomia dos estudantes de pós-graduação é maior para organização dos estudos e realização das suas pesquisas de dissertação e tese em comparação com a graduação. Em parte, isso se deve à própria organização da pós-graduação, que se caracteriza por ser um trabalho mais solitário, em que os estudantes têm uma rotina mais autônoma. Segundo Marcelo Knobel, reitor da Unicamp, “o trabalho da pós ocorre de qualquer maneira, a pessoa já está focada, provavelmente já baixou os textos, ou pode ir à Unicamp baixar o texto”. Assim, “de alguma maneira tem trabalho e consegue organizar isso de modo efetivo”. Nesse sentido, alguns alunos já tinham realizado suas

pesquisas e estavam no momento da redação dos trabalhos quando a pandemia se instaurou.

Em terceiro lugar, os estudantes de pós-graduação têm mais acesso a recursos, como internet e computadores, não demonstrando a necessidade de tantas adaptações, como no ensino da graduação. Apesar disso, tanto a USP quanto a Unicamp distribuíram alguns kits de internet para que seus alunos de pós-graduação pudessem realizar as atividades não presenciais neste período. Conforme o reitor da USP, Vahan Agopyan, dos quase 30 mil alunos de pós-graduação, apenas cerca de 350 precisaram de kits de internet. Vahan ainda afirma que as bolsas permitiram uma maior flexibilização da pós-graduação em relação à graduação, apesar de uma parcela importante dos pós-graduandos não possuir bolsas. No caso da USP especificamente, dos quase 30 mil alunos de pós-graduação, somente 10 mil são bolsistas.

A suspensão das atividades presenciais não essenciais nas três universidades seguiu o modo de governança colegial que marca essas instituições, na qual as unidades acadêmicas preservam identidade e autonomia (BALBACHEVSKY, 2020; KOHTAMÄKI; BALBACHEVSKY, 2018). Desta forma, foi solicitado que as unidades e órgãos elaborassem planos de contingência. Além disso, não houve uma decisão centralizada sobre como as atividades de ensino deveriam ser oferecidas. Foi indicado que as unidades e os responsáveis pelas disciplinas realizassem a análise de viabilidade do oferecimento de cada disciplina neste modo. Em geral, o número de disciplinas que continuaram sendo oferecidas foi bastante alto.

Entretanto, isso não significa que a transição tenha sido simples. Os professores entrevistados relataram que houve tanto um processo de reflexão sobre o conteúdo e objetivo das disciplinas, quanto perdas em relação ao oferecimento presencial,

especialmente de atividades práticas. Houve mesmo casos de inviabilidade de oferecimento de disciplinas que são baseadas em atividade de laboratório, de campo ou de assistência à saúde. Além disso, o corpo docente das universidades estaduais paulistas demonstra um nível de capacitação bastante heterogêneo no uso das ferramentas digitais de ensino-aprendizagem. Os professores que já utilizavam ferramentas, como o *Moodle*, *Google Classroom* ou *Google Meet*, demonstraram ter mais facilidade. Os que não utilizavam, ou tinham pouca familiaridade com esses recursos, tiveram que aprender como usá-los, e esse processo se deu em ritmos diferentes.

O PPG-PCT procurou seguir a orientação geral da universidade e, dada a incerteza quanto a duração do período de isolamento, tanto a coordenação do programa como os professores elaboraram um plano de continuidade mais aberto. A professora Janaina Pamplona, do PPG-PCT, por exemplo, afirmou que algumas das atividades que seriam realizadas na disciplina de Seminários de Dissertação de Mestrado tiveram que ser canceladas. Segundo ela, o plano inicial seria promover sessões de escrita. Ela ainda afirma que a escrita é um evento muito solitário, então esse momento na disciplina serviria para compartilhar um sentimento que muitas vezes é angustiante, e que poderia tirar a trava inicial de escrever. Além disso, o professor Marko Monteiro, coordenador do PPG-PCT, afirmou que foi preciso repensar as práticas de algumas disciplinas que leciona na pós-graduação. Marko acredita que muitos professores tiveram que “sair do automático” e ouvir os alunos, “tirando poeira” de algumas práticas. Apesar disso, o coordenador não sabe se essa mudança terá um efeito de longo prazo, uma vez que, após a normalização das atividades, pode ser que hábitos antigos voltem. Para ele, talvez tenha havido um aprendizado institucional nesse período, embora ele esteja pouco claro ainda.

Nos cursos de Especialização em Jornalismo Científico e Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, as impressões dos docentes não são muito diferentes. Alguns professores se adaptaram melhor às atividades virtuais, enquanto outros se mostraram mais resistentes à continuidade do semestre nos moldes que o isolamento social tem permitido. Mas, seguindo as diretrizes da congregação do Instituto de Estudos da Linguagem (ao qual o programa de mestrado está ligado), as aulas foram mantidas, com adaptações de acordo com as necessidades e possibilidades de alunos e professores.

No curso de Especialização em Jornalismo Científico, os alunos estavam realizando oficinas, que foram profundamente prejudicadas pela crise atual, principalmente a oficina de Mídias, na qual os alunos deveriam ter aulas práticas de produção audiovisual e que passaram a ser mais expositivas do que práticas. Espera-se que, no próximo semestre, os alunos possam colocar esses conhecimentos em uso, na realização do Trabalho de Conclusão de Curso. Já a oficina de Jornalismo Científico foi totalmente reprogramada, enfocando nas atividades sobre a COVID-19, levando à criação de uma agência de notícias, o Lab-19, que tem colaborado com a Assessoria de Imprensa da Unicamp e com a Agência Bori, serviço que antecipa estudos científicos para jornalistas. Dentro da nova proposta, os alunos passaram a fazer levantamento de fontes da universidade que pudessem atender à imprensa sobre a doença, além de investigarem os artigos científicos que estavam sendo publicados para produzir notícias e reportagens (BOSSO, 2020).

Diante da necessidade de prorrogação da quarentena no Estado de São Paulo, e da incerteza sobre quando e como haverá o retorno às atividades presenciais, a administração das universidades vem discutindo alternativas para finalizar o semestre e o ano letivo. Na USP há a discussão sobre tratar o ano letivo de

2020 conjuntamente, e não os semestres separadamente. A Unicamp, por sua vez, estuda um plano de três fases para a retomada de suas atividades, que ocorreria de forma gradual. O projeto ainda está em fase preliminar, sem datas definidas.

Impactos nas pesquisas

No que tange ao impacto nas atividades de pesquisa desenvolvidas pelos pós-graduandos da USP, Unicamp e Unesp, as três instituições passaram por situações similares, como pôde ser observado nas entrevistas. O principal efeito foi a perda de acesso à infraestrutura das universidades, incluindo grande parte dos laboratórios de pesquisa e arquivos. Quando possível, as atividades de pesquisa estão sendo realizadas a distância.

No entanto, o efeito da perda de acesso às instalações da universidade não foi homogêneo em todos os tipos de pesquisa, visto que houve maiores dificuldades na continuidade de pesquisas experimentais e de campo, assim como nas disciplinas experimentais. Além disso, o impacto no acesso a laboratórios variou nas universidades analisadas. De acordo com Telma Berchielli, pró-reitora de pós-graduação da Unesp, os serviços essenciais de laboratório da universidade continuaram funcionando, de forma a garantir que seus alunos não perdessem pesquisas que estão sendo realizadas há anos. Já conforme Carlos Carlotti Júnior, pró-reitor de pós-graduação da USP, atividades de laboratórios da USP foram suspensas, com a manutenção somente dos laboratórios considerados essenciais, muitos dos quais migraram suas atividades para trabalhar com a COVID-19. O pró-reitor mencionou, adicionalmente, os impactos negativos da pandemia nas atividades práticas dos cursos de residência, uma vez que os hospitais passaram a focar nas vítimas do coronavírus, havendo redução do número de cirurgias realizadas. Já conforme Marcelo Knobel, na Unicamp deixou-se a critério de cada unidade e dos orientadores

escolherem quais atividades seriam consideradas essenciais e que, portanto, seriam mantidas. Entretanto, de forma geral, houve paralisação de laboratórios devido à suspensão da atividade dos técnicos de laboratório, muitos deles parte do grupo de risco da COVID-19.

Do ponto de vista das pesquisas realizadas pelos professores das universidades, os impactos da pandemia também se mostraram heterogêneos. Como foi destacado por Vahan Agopyan, se por um lado há um aumento de publicações científicas em decorrência do vírus (com o surgimento de editais temáticos, por exemplo), por outro existe a dificuldade na realização de pesquisas experimentais, conforme já mencionado. Outra área de pesquisa afetada é a de pesquisa histórica, que depende do acesso a arquivos e acervos, que em geral não se encontram digitalizados, como lembrou a professora Cristina de Campos, do PPG-PCT. De acordo com Cristina, entretanto, a dificuldade vai sendo contornada com o uso de informações e dados que estão acessíveis, deixando para um período posterior a consulta a materiais não disponíveis no momento.

Soma-se a isso as próprias dificuldades pessoais dos membros das equipes de pesquisa, que precisam lidar com demandas adicionais surgidas em decorrência da pandemia e do isolamento social (como, por exemplo, ter de cuidar de crianças pequenas, outros familiares ou mesmo lidar com problemas de saúde). Conforme mencionado por Maria Beatriz Machado Bonacelli, assessora da proreitoria de pós-graduação da Unicamp e também professora do PPG-PCT e do PPG-DCC, a pandemia trouxe uma grande mudança na dinâmica de trabalho, que passou a exigir o uso de diferentes mídias e formas de contato. Ela ressalta que essas mídias proporcionam uma oportunidade de aprendizado de uma nova maneira de interação com professores, colegas e familiares. Para a professora Beatriz, com a baixa possibilidade de que eventos

científicos e acadêmicos voltem a acontecer presencialmente tão cedo, este formato de interação e comunicação deve perdurar.

A mudança na rotina de trabalho também teve impacto na desigualdade de gênero entre pesquisadores, conforme mostrado em matéria publicada no jornal O Estado de S. Paulo (GIRARDI, 2020), que aponta queda da produção científica de mulheres, especialmente com filhos, em meio à pandemia. O professor Aleix Altimiras Martin, do PPG-PCT, que tem um filho pequeno, afirmou que a sobrecarga do trabalho doméstico tem influenciado negativamente em sua produtividade acadêmica. Ele também considera que esse *gap* de produtividade normalmente está muito associado ao gênero, mas que também repercute no desempenho profissional no caso de pais que dividem o trabalho de casa. Por último, Aleix ressalta que o fato de algumas pessoas terem mais tempo disponível neste momento e de estarem aumentando sua produtividade, o que levará esse *gap* a crescer ainda mais para pessoas que não tenham esse tempo.

Estas são algumas das maneiras como a pandemia tem afetado a pesquisa na pós-graduação. Mesmo com estas restrições, pesquisas em todas as áreas do conhecimento têm desempenhado um papel essencial para a saída da crise atual, e na mitigação de seus impactos. No que tange à contribuição do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT), por exemplo, ressaltam-se três iniciativas.

A primeira delas é a divulgação de boletins informativos como este, sobre o papel da comunidade científica neste período de crise, entre outros temas. Segundo Marko Monteiro, o DPCT tem muito a dizer sobre a pandemia, dada a sua posição como ciências sociais e humanas, mas em diálogo com a ciência e tecnologia.

Outra iniciativa importante é a participação de pesquisadores do DPCT no Grupo de Estudos da

Desinformação em Redes Sociais (EDReS), grupo interdisciplinar que vem pesquisando as principais desinformações sobre a COVID-19. Tal grupo é formado por professores e alunos de diferentes institutos da Unicamp, contando também com a participação de colaboradores externos à universidade. Dayane Machado, participante do grupo, conta sobre sua experiência no depoimento abaixo. Por fim, é importante mencionar também iniciativas individuais de professores do departamento, como é o caso do estudo realizado pelo professor Renato Pedrosa, sobre a dinâmica de transmissão da COVID-19 (Toledo, 2020; Pedrosa, 2020).

“No doutorado, eu pesquiso os movimentos de negação a vacinas, analisando a influência das redes sociais na projeção desses grupos. Com a pandemia, passei a integrar também o EDReS, onde tentamos identificar as principais desinformações sobre a COVID-19, além de compreender os percursos desses boatos por meio do WhatsApp, um dos aplicativos mais utilizados pela população brasileira. As desinformações sobre coronavírus, além de causarem confusão, podem fazer com que as pessoas se exponham a situações perigosas e deixem de tomar os cuidados que realmente funcionam na hora de se proteger. Outro problema é que muitos desses boatos atacam instituições, como a imprensa, as universidades públicas, os centros de pesquisa e alguns órgãos governamentais. Se as pessoas aderirem a esse tipo de desinformação, pode ser que elas deixem de confiar nessas instituições e passem a buscar informações em lugares que sejam mais convenientes, como os grupos de WhatsApp, por exemplo. Nesses espaços, elas provavelmente vão encontrar ainda mais orientações incorretas. Com base nisso, acredito que as pesquisas sobre esse tema podem trazer contribuições importantes para a sociedade. Para combater o fenômeno e os próprios disseminadores de boatos, precisamos identificar quem eles são, como se organizam, como lucram com essas campanhas e quais interesses possuem. A compreensão desses aspectos pode orientar não só a formulação de políticas públicas, mas também a definição de estratégias de pesquisa e de divulgação científica compatíveis com esse cenário.”

(Dayane Machado, doutoranda do PPG-PCT e integrante do EDReS na Unicamp)

A desinformação sobre a COVID-19 também é tema de pesquisa em andamento no PPG-DCC.

Rafael Evangelista, professor do programa conta que começou um trabalho de pesquisa em meados de maio de 2020 com três alunos que estudam temas relacionados à circulação nas redes, desinformação e robôs. Na pesquisa cada um dos membros está acompanhando um grupo de extrema direita no WhatsApp, coletando e organizando as informações em uma planilha. O grupo pretende olhar os dados, conversar sobre a experiência e escrever algo mais etnográfico, tentando entender desinformação nesses grupos da direita ligada à COVID-19. Segundo o professor: “A pesquisa não está isolada da conjuntura política, porque as coisas são mobilizadas ali”. Ele conta que já fez um pré-teste, e viu coisas como ataque aos governadores acusados de usar a crise para corrupção, desinformação em cima da Cloroquina e Hidroxicloroquina, histórias de caixão vazio sendo enterrado, falso testemunho de médico dizendo que tem hospital vazio, inclusive testemunho falso de médico feito especialmente para cada região, o que é um indício de que a construção dessa desinformação é profissionalizada. A COVID-19 passou a ser enfocada também pela Rede Latino-americana de estudos sobre vigilância, tecnologia e sociedade, da qual fazem parte pesquisadores do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e tem publicado artigos sobre o tema.

As atividades de internacionalização na pós-graduação também foram afetadas pela pandemia. Se, por um lado, espera-se um impacto negativo decorrente dos cortes ou adiamentos de viagens de alunos, docentes e funcionários para o exterior, assim como perdas nas interações acadêmicas em decorrência dos cancelamentos ou adiamentos de congressos internacionais, por outro lado se facilitou o acesso às atividades internacionais, que foram mantidas de forma online. Conforme Marcelo Knobel, um ponto positivo foi que a pandemia alterou o foco para atividades de internacionalização ‘em casa’ pois, se antes uma

peessoa precisaria aplicar e custear a ida a uma conferência, com a pandemia várias atividades passaram a ser gratuitas e oferecidas de forma online, abrindo uma janela de oportunidades. No depoimento abaixo, Flávia Colus conta sua experiência com o início da pandemia no exterior.

“Quando a pandemia emergiu, eu estava na Finlândia, onde deveria ficar até maio deste ano. Quando a universidade decidiu cancelar as atividades presenciais meu programa logo decidi que o semestre inteiro seria online, sem possibilidade de voltar as aulas presenciais antes de maio (fim do semestre na Finlândia). Isso foi importante para o planejamento dos alunos e dos professores. Graças à esta medida eu pude tomar a decisão de voltar para o Brasil. Minha decisão foi apoiada pelo meu programa, e a Comissão Europeia, que financia meus estudos flexibilizou as regras, permitindo que os bolsistas continuassem recebendo a bolsa mesmo se estivessem fora do país onde seu programa era realizado. As aulas online foram dadas ao vivo e gravadas para os alunos que não poderiam assistir. Isso foi imprescindível para que todos pudessem acompanhar as aulas, pois tínhamos alunos de 18 países diferentes no programa e aproximadamente metade voltaram para seus países de origem, o que significava diferentes zonas de fuso horário. Quando algum professor pedia apresentações ao vivo, as aulas eram marcadas em um período que era possível para todos os alunos. Ainda em março, a universidade aconselhou que os alunos intercambistas que tinham vistos somente para o semestre voltassem para casa, para não enfrentarem problemas com vistos expirados caso houvesse restrições de entrada ou saída de países.”

(Flávia Colus, mestranda do PPG-PCT na Unicamp e do Programa Erasmus Mundus Master in Research and Innovation in Higher Education - MARIHE)

A experiência dos pós-graduandos

Se por um lado a decisão de manter as atividades de ensino e pesquisa é importante para continuar dando respostas à sociedade, e não prejudicar o andamento das pesquisas; por outro lado, esse processo não se dá de forma natural e tranquila. Alguns alunos e professores apresentam dificuldades em relação ao isolamento.

Os desafios se mostram pelo trabalho em casa, que

requer algumas mudanças no cotidiano de toda a comunidade acadêmica. Para os estudantes, um aspecto importante a se destacar é o ambiente de trabalho. A falta de um ambiente apropriado prejudica a continuidade de suas disciplinas e pesquisas. Nesse sentido, não se trata somente do acesso à internet ou a computador, e sim de estar em um ambiente familiar executando atividades que seriam executadas no âmbito da universidade. Muitos estudantes não possuem um espaço dedicado em seus domicílios e, muitas vezes, têm que dividir espaços e recursos com outros familiares.

Outras perdas são relativas aos estudantes ingressantes da pós-graduação, os quais tiveram pouco ou quase nenhum contato presencial com seus professores, orientadores, outros estudantes, e a própria comunidade da universidade. Alguns relataram se sentirem perdidos no início das aulas não presenciais. O distanciamento levou a uma dificuldade na criação de vínculos e trocas que são importantes nesse período inicial, como relata Gabriel Falcini no depoimento abaixo.

“Como aluno do primeiro semestre do PPG-PCT, sinto que o maior impacto que a pandemia teve sobre os meus estudos foi a redução drástica da socialização: o contato com os docentes é limitado, assim como com os funcionários da administração do programa. Não tivemos a oportunidade de conhecer alunos dos semestres mais avançados, e, principalmente, com apenas duas semanas de aulas presenciais, não tivemos a oportunidade de nos aproximar dos nossos colegas de sala, o que significa não ter com quem trocar ideias sobre os textos lidos, compartilhar frustrações ou receber dicas de estudo.

(Gabriel Falcini, mestrando do PPG-PCT na Unicamp)

Em entrevistas realizadas com alunos do PPG-DCC e da Especialização em Jornalismo Científico, os relatos demonstram diferentes tipos de preocupação e diferentes formas de lidar com o isolamento social. Segundo Maria Cortez Salviano, representante discente do curso, as principais questões apontadas por colegas foram relativas à dificuldade de concentração nas aulas virtuais, na

pesquisa, leituras, estudos, e preocupação com familiares, principalmente os que estão no grupo de risco ou que moram em locais onde a doença está mais intensa.

“O maior impacto da quarentena foi o emocional, dificuldade de focar, muita ansiedade, dias de desânimo completo. Também pela questão de morar sozinha, ficou difícil entrar num estado mais introspectivo para me dedicar à pesquisa, senti a falta do contato humano. Outro impacto foi o de não poder ir à biblioteca, que era o ambiente onde eu estudava. Como já tinha feito todas as disciplinas, as faltas maiores nas minhas atividades acadêmicas foram o grupo de pesquisa e os eventos que eu participava. Sou a coordenadora geral do EDICC (Encontros de Divulgação de Ciência e Cultura), que seria em maio e ainda não sabemos se vai ser realizado, mesmo que em formato virtual. Outra coisa que também sofreu impacto foi o PED. A disciplina não foi suspensa, segue online, mas foi pensada num formato muito mais interativo, com debate em sala de aula, e isso fica muito difícil de ser fazer online; tem muita coisa que se perde. Como professora em formação, acho que é complicado começar essa trajetória sem ter a interação em sala, que é completamente diferente do virtual.”

(Maria Cortez Salviano, mestranda do PPG-DCC na Unicamp)

Maiber Pedroza, ingressante no programa de mestrado do PPG-DCC, relata suas dificuldades para realizar suas atividades fora do ambiente da universidade no depoimento abaixo.

“Eu vim de aulas presenciais, até a segunda semana eu estava levando numa boa, assistindo as aulas, e curtindo a universidade, o ambiente. Na segunda semana tudo parou, e fomos para as aulas a distância. Minha dificuldade foi por ter vindo sem notebook, mas o Labjor me emprestou um para eu poder trabalhar. Desde a minha chegada de Tabatinga, no Amazonas, eu fiquei em uma pousada e após um mês fui contemplado com uma vaga na moradia e me mudei durante a quarentena. Minha preocupação era com o aluguel, porque meus pais não podem me ajudar pela situação em que estamos passando. Também estou mais tranquilo porque consegui a bolsa da CAPES.”

(Maiber Pedroza, mestrando do PPG-DCC na Unicamp)

Já no curso de Especialização em Jornalismo Científico, a maior dificuldade foi com as oficinas (Jornalismo Científico e Multimeios), como já explicado. Aulas que deveriam ser práticas, realizadas em estúdio de rádio e de TV, em grupos, estão sendo transformadas em aulas virtuais, com uma perda significativa de conteúdo. Em pesquisa realizada pela coordenadora do curso, a pesquisadora Germana Barata, aparece a dificuldade dos alunos em acompanhar as aulas, gravadas ou ao vivo. Ao serem questionados se gostariam que houvesse adiamento do semestre, 37,9% dos alunos responderam que sim, 27,6% não gostariam, e 34,5% não souberam opinar. Os depoimentos abaixo destacam algumas das dificuldades encontradas pelos alunos desse curso.

“Estou trabalhando de casa, e fazendo as aulas às segundas também. Meu chefe ficava me cobrando coisas do trabalho, durante o dia na segunda. Tinha que atender várias demandas e não estava conseguindo acompanhar as aulas. Consegui explicar para ele, e parece que está resolvido”.

(Matheus Vaz, aluno da Especialização em Jornalismo Científico na Unicamp)

“É um desafio constante, exige buscar alternativas para conciliar as atividades que a nova realidade impõe e que ocorrem ao mesmo tempo e no mesmo espaço: Você é mãe, auxilia seu filho com o EaD, trabalha de casa, gerencia a casa (compras, comida, roupas) e também é aluna, tudo isso em tempo integral. Precisa lidar com frustração de não estar mantendo a mesma produtividade e dedicação em todas as áreas e de não estar fazendo o curso presencialmente.”

(Karen Canto Miranda, aluna da Especialização em Jornalismo Científico na Unicamp)

A vida pós-pandemia

As universidades estão tentando ainda lidar com os problemas colocados pela COVID-19 no curtíssimo prazo, que é o primeiro semestre de 2020. O cenário é instável e é difícil planejar o futuro devido às consequências da crise sanitária, agravada pela crise econômica, e também pela crise política. Entretanto,

é preciso olhar para frente. A vida durante a pandemia abre ou leva a repensar pelo menos sete pontos de agenda de pesquisa.

1. A COVID-19 e a quarentena forçada levaram a mudar o olhar para a relação entre Ciência, Tecnologia e Sociedade. Como mencionou Maria Beatriz Bonacelli, professora do PPG-PCT, em pouco tempo o que se discutia nas aulas das obras de Manuel Castells da sociedade em rede tornou-se parte da realidade de todos devido à ameaça de um vírus, algo que não estava no radar.

2. A pandemia tornou mais palpável a mudança na forma de fazer ciência e de construir o conhecimento, como o uso de *fast track* nas agências de financiamento e de vigilância de saúde, como foi feito anteriormente na pandemia da AIDS, como lembra Maria Conceição da Costa, professora do PPG-PCT.

3. A pandemia também tem exigido pesquisas cada vez mais profundamente multidisciplinares, como ressalta Vahan Agopyan, reitor da USP. As forças tarefa mobilizadas pelas três universidades envolvem professores e pós-graduandos de áreas que vão da economia à saúde, passando pela matemática, engenharia, física e medicina veterinária. No seu entender, essa multidisciplinaridade tornou-se uma necessidade e tem quebrado o paradigma antigo de pesquisa básica versus pesquisa aplicada, ou seja, tem mostrado que o caminho da inovação não é linear.

4. Maria Conceição da Costa aponta que uma agenda de pesquisa que se abre é a análise sobre o parque de equipamentos da área da saúde e sobre mudanças no investimento por parte de empresas de outros setores econômicos. Além da pesquisa que já se realiza sobre a indústria farmacêutica, a pandemia chama a atenção para a necessidade de se entender coisas mais básicas como a produção de equipamentos de proteção individual em território nacional. Na

mesma linha, Janaina Pamplona da Costa e Marko Monteiro, professores do PPG-PCT, apontam a importância de avaliar a infraestrutura instalada e a expertise que o país tem e que pode e tem sido colocada em conjunto para mitigar coisas como o novo coronavírus, sobre o que ainda há pouca compreensão. É relevante analisar como o sistema de ciência, tecnologia e inovação respondeu e como poderia ter respondido, analisando as falhas e ausências.

5. Há um ponto importante na agenda da pesquisa em história da ciência. Como coloca Cristina de Campos, professora do PPG-PCT, o Brasil tem uma memória muito curta. É preciso não esquecer esses eventos e não apagar o que foi vivido. Sem mencionar a gripe espanhola do início do século XIX, há pouca memória da recente epidemia de febre amarela, da década de 1980, ou da epidemia de cólera, ocorrida na década de 1990. É preciso estudar estes eventos e suas consequências na sociedade, a importância do sistema público universal de saúde e de ter um aparato do Estado para lidar com esses problemas. Essa experiência não pode ser em vão.

6. Há a questão dos impactos na produtividade da pesquisa. A pandemia, como mencionado anteriormente por Aleix Altimiras Martin, exacerbou as dificuldades das mulheres e de pais com filhos pequenos, pela sobrecarga de trabalho, além de impactar pesquisas, como as de campo e experimentais. Por outro lado, houve impacto no aumento da quantidade de publicações sobre o coronavírus. Cabe, portanto, repensar mecanismos de avaliação de produtividade, que já reforçavam a desigualdades na pesquisa, efeito que deve ser exacerbado durante a pandemia.

7. Marcelo Knobel, reitor da Unicamp, lembra que é necessário melhorar a comunicação sobre a ciência – o que é ciência e o que é pesquisa – tanto para sociedade, quanto para governos como até

mesmo para entidades médicas que permitiram o uso de medicamentos não testados. Este momento representa uma oportunidade para as universidades se fortalecerem, se souberem participar do debate público e mostrarem que, sem boas universidades, o país não vai para frente. Além de dever de casa, este tema também é agenda de pesquisa, no sentido de entender a percepção de risco associado à ciência, como lembra Marko Monteiro.

Nesse sentido, a COVID-19 trouxe uma oportunidade, uma vez que, desde que surgiu a doença, cientistas de todo o mundo têm tido enorme destaque nos noticiários. Biólogos, infectologistas, epidemiologistas e outros especialistas em áreas diversas, inclusive de Humanidades, têm sido consultados para tratar da doença, do vírus e até mesmo para falar sobre expectativas do mundo pós-COVID-19. Esse fato tem ajudado a recuperar a credibilidade na ciência, e a mostrar, em parte, como é produzida a ciência, por quem e em que condições. As matérias que têm sido produzidas têm dado ênfase em informações de extrema relevância, sobre fases de testes, que um medicamento ou uma vacina não são produzidos da noite para o dia, que cientistas de diferentes áreas trabalham em conjunto, enfim, há um esforço, poucas vezes visto, de se desmistificar a ciência e o trabalho dos cientistas.

Além disso, esse incremento na comunicação da ciência reflete também a importância da formação do jornalista para tratar de temas sobre ciência e tecnologia (XAVIER et. al, 2020; ANDRADE, 2020). Algo que vem sendo feito desde 1999 pela Unicamp, por meio do curso de Especialização em Jornalismo Científico, com reforço, a partir de 2008, pelo Mestrado em Divulgação Científica e Cultural. Além disso, durante a quarentena têm sido oferecidos vários eventos virtuais voltados para jornalistas, tratando da COVID-19, dos avanços científicos relacionados à doença, com consultas a especialistas,

esclarecimento de dúvidas, e também sobre a cobertura que a imprensa vem fazendo sobre o tema.

Ao mesmo tempo, o campo de estudos sobre comunicação científica vem enfrentando também o desafio de entender e combater o fenômeno das notícias falsas e negação da ciência, que vêm sendo propagados principalmente pelas redes sociais, mas também por veículos de imprensa despreparados, como as pesquisas comentadas anteriormente. O que nos leva a pensar mais uma vez que o conhecimento mais sólido sobre o funcionamento da ciência, que deve iniciar no ensino formal, pode ser reforçado pela comunicação feita corretamente pelos meios de comunicação.

No Estado de São Paulo, boa parte da comunicação da ciência é realizada pelas próprias universidades, por meio, principalmente, das assessorias de imprensa, por veículos voltados para esse fim e também por iniciativas individuais. A FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, também é responsável pela disseminação de informação científica de qualidade, realizada por meio da revista Pesquisa, pela Agência de Notícias, vídeos e pela concessão de bolsas para a formação de jornalistas científicos.

É necessário divulgar a ciência produzida pelas universidades públicas para que mais pessoas percebam a importância da pesquisa científica nas mais diversas áreas.

O esforço das três universidades estaduais paulistas para adaptar as atividades da pós-graduação, sem paralisação total, deve reduzir o impacto da epidemia, não sem dificuldades para alunos e professores, e principalmente para aulas e pesquisas práticas. Por outro lado, a COVID-19 tem demonstrado uma oportunidade para expandir a agenda de pesquisas em diversas áreas, ampliando a produção e a divulgação de novos conhecimentos.

Referências:

- ANDRADE, R.O. (2020). Laços em recuperação. *Pesquisa Fapesp*. Acesso: 18 Maio 2020, disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/09/05/o-impacto-da-circulacao-de-cerebros/>
- BOSSO, B. (2020) Nudecri ajuda no combate à COVID promovendo a divulgação científica. Acesso em 22 Maio 2020, disponível em: <https://www.cocen.unicamp.br/noticias/id/561/nudecri-ajuda-no-combate-a-covid-promovendo-a-divulgacao-cientifica>
- BALBACHEVSKY, E. (2020). Apresentação no Webinário “*As Respostas das Universidades à Crise produzida pelo COVID-19: Modelos de Governança e Mudança Institucional*”, 19 Maio 2020.
- ESCOBAR, H. (2020). Academia repudia mudanças na distribuição de bolsas da Capes. *Jornal da USP*. Acesso em: 8 Maio 2020, disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/academia-repudia-mudancas-na-distribuicao-de-bolsas-da-capes/>
- GIRARDI, G. (2020). Produção científica de mulheres e mães despenca em meio à pandemia de coronavírus. *O Estado de S. Paulo*. Acesso em: 19 Maio 2020, disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,producao-cientifica-de-mulheres-despenca-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus,70003306675>
- KOHTAMÄKI, V, BALBACHEVSKY, E. (2019). An explorative study of the consequences of university autonomy in Finland and Brazil. *Higher Education Quarterly*, v. 73, n. 3, p. 328-342.
- MARQUES, F. (2019). A corrida por indicadores de excelência. *Pesquisa FAPESP*. Acesso em 8 Maio 2020, disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/10/09/a-corrída-por-indicadores-de-excelencia-2/>
- NAOE, A., PACHECO, D., BERNARDES, J., DIAS, H., & ESCOBAR, H. (2019). Autonomia coloca USP, Unicamp e Unesp entre as melhores da América Latina. *Jornal da USP*. Acesso em: 8 Maio 2020, disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/autonomia-coloca-usp-unicamp-e-unesp-entre-as-melhores-da-america-latina/>
- PEDROSA, R. (2020). The dynamics of Covid-19: weather, demographics and infection timeline. *MedRxiv*. Acesso em: 13 Maio 2020, disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.04.21.20074450v2>
- TOLEDO, K. (2020). Lockdown será inevitável em SP se isolamento não subir nas próximas semanas, indica estudo. *Agência FAPESP*. Acesso em: 13 Maio 2020, disponível em: <http://agencia.fapesp.br/lockdown-i-sera-inevitavel-em-sp-se-isolamento-nao-subir-nas-proximas-semanas-indica-estudo/33147/>
- UNICAMP (2020). *Em carta à comunidade interna, reitor aborda possíveis cenários num eventual retorno às atividades*. Acesso em: 20 Maio 2020, disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/05/19/em-carta-comunidade-interna-reitor-aborda-possiveis-cenarios-num-eventual>
- XAVIER, A.A.O., BARATA, G., TERCIC, L.S., HAFIZ, M. (2020). Covid-19 aproxima cientistas da mídia de maneira inédita. *ComCiência*. Acesso em: 18 Maio 2020, disponível em: <http://www.comciencia.br/covid-19-aproxima-cientistas-da-midia-de-maneira-inedita/>